



## **Avatar, Gaia e Florestania: Três Dimensões<sup>1</sup>**

Francisco de Moura PINHEIRO<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Mais de uma década depois de começar a ser concebido pelo cineasta James Cameron, finalmente o filme *Avatar* veio a público, trazendo à luz, a partir do elemento da tridimensionalidade, uma nova forma de fazer cinema. A questão dos recursos técnicos, porém, foi apenas uma parte dos fatores que fizeram do filme um campeão de bilheteria. A mensagem contida no argumento, sobre os perigos da depredação da natureza, numa época de mobilização global pela preservação dos recursos naturais, ajudou a dar à obra de Cameron um irresistível apelo popular. O que este artigo se propõe a fazer é uma reflexão sobre esse lado ecológico do filme, a partir dos conceitos contidos na hipótese de Gaia, em mitos da Amazônia, no desenvolvimento sustentável e na noção de florestania - neologismo criado no Acre nos últimos anos do século XX -.

**PALAVRAS-CHAVE:** avatar; cinema; comunicação; florestania; meio ambiente.

### **1. O império derrotado pela multidão**

Favoritíssimo ao Oscar de melhor filme de 2009, *Avatar*, do cineasta canadense James Cameron, 55 anos, acabou perdendo o título para *Guerra ao Terror*, da americana Kathryn Bigelow, coincidentemente (ou não) ex-mulher do vencido. Das dezessete categorias da premiação distribuída anualmente pela Academia de Ciências e Artes de Hollywood, apenas (!) três láureas foram concedidas à história do confronto entre os humanos e os habitantes de Pandora - efeitos visuais, direção de arte e fotografia -. Muito pouco para um filme que arrastou multidões às salas de exibição ao redor do mundo e que passou cerca de doze anos para sair da imaginação do seu criador (Cameron) e ganhar as telas, tornando-se a segunda maior bilheteria da história da sétima arte, ficando atrás somente de *Titanic*, dirigido pelo mesmo Cameron, em 1997.

O enredo de *Avatar* até que não tem nada de complicado.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista na Universidade Federal do Acre (Ufac), membro da Academia Acreana de Letras (Cadeira 28) e doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Email: fdandao@gmail.com.



A trama se passa no ano 2154. Uma enorme nave interestelar corta o espaço sideral rumo a Pandora, uma lua de vegetação luxuriante que abriga várias formas de vida, em órbita de um planeta gigante, nas imediações de uma das estrelas do sistema Alfa Centauri. Entre a tripulação, um ex-fuzileiro naval paraplégico chamado Jack Sully (Sam Worthington). Sua missão é substituir seu irmão gêmeo, cientista recém falecido, num projeto supostamente científico, cujo objetivo seria estudar os nativos de Pandora, denominados Na'vi, criaturas de três metros de altura, pele azul, orelhas pontiagudas e dotadas de rabo, que não conhecem armas de fogo ou quaisquer tecnologias dessa natureza, não acumulam valores materiais, morando em comunidades e vivendo fundamentalmente da coleta de frutos e da caça, em harmonia com o meio ambiente.

Para facilitar o contato com os Na'vi sem a necessidade de máscaras que ajudem a respiração, dado que a atmosfera de Pandora é diferente da terrestre, os humanos contam com avatares (daí o título do filme), que são corpos criados artificialmente, onde são combinados os DNA dos nativos e dos “invasores”. A conexão é realizada numa espécie de transferência do cérebro dos humanos para o corpo artificial, por meio de um complexo aparato tecnológico. O corpo humano permanece como se em estado de hibernação, enquanto a sua consciência passa a viver no corpo do avatar. Mais ou menos como se uma “casca” (ou “carcaça”) fosse trocada por outra. No caso, uma troca perfeita para o paraplégico Jack Sully, uma vez que no novo corpo ele se livra da cadeira de rodas, voltando a sentir a sensação de locomoção com as “próprias” pernas.

O problema todo é que a missão dos humanos não tem nada (ou tem muito pouco) de tão científico assim. Existe, é verdade, uma equipe de cientistas voltada para o estudo dos Na'vi, mas isso é só uma cortina de fumaça para a verdadeira motivação da exploração de Pandora. De verdade mesmo, a motivação dos exploradores é totalmente econômica. É que Pandora possui as únicas reservas conhecidas de uma substância chamada de “unobtainium”, extremamente valiosa para os humanos por suas propriedades de supercondutividade. A exploração dessa substância está a cargo de uma companhia denominada RDA, que mantém toda a infraestrutura local, inclusive no que diz respeito aos experimentos científicos. Detalhe relevante: a maior jazida de “unobtainium” está localizada justamente no local onde fica a árvore sagrada dos Na'vi.

O ex-fuzileiro paraplégico Jack Sully acaba, inicialmente, fazendo o papel de agente duplo. Trabalha para a equipe de cientistas, sob a liderança da Dra. Grace Augustine (Sigourney Weaver), a botânica responsável pelo Programa Avatar, mas também age como espião para os mercenários, sob o comando do coronel Quaritch



(Stephen Lang), chefe de segurança humano em Pandora, personagem que tem enorme desprezo pela vida “selvagem” daquele mundo e ansioso para destruí-la em favor das atividades de mineração. Para convencer Jack Sully a colaborar, o coronel Quaritch usa dois argumentos: o espírito de corpo que deve acompanhar os militares, principalmente os fuzileiros navais, por toda a vida; e a promessa de uma cirurgia que faça Sully recuperar os movimentos das pernas, quando do retorno da missão à Terra.

Mas esse papel de agente duplo vivido por Jack Sully só se mantém enquanto ele não conhece Neytiri, princesa de um dos clãs dos Na’vi. Ao ser perseguido por um animal selvagem e se perder de um grupo de exploração comandado pela Dra. Grace Augustine, Sully é salvo da morte por uma nativa de nome Neytiri (Zoë Saldana). Depois disso, ela o leva para o meio da comunidade Na’vi, onde ele passa a noite e começa a presenciar o modo de vida dos locais. Sully manifesta a intenção de aprender mais sobre a cultura dos Na’vi, desejo esse que lhe é concedido por Eytukan (Wes Studi), rei do clã Omaticaya e pai de Neytiri. Daí para a paixão entre Sully e Neytiri é apenas um passo. E então, o cérebro do ex-fuzileiro naval no corpo do seu avatar Na’vi passa a liderar a resistência nativa contra os ataques genocidas dos humanos.

Mesmo os Na’vi usando táticas de guerrilha e lutando num território totalmente conhecido (estratégias que já deram certo em diversas situações da história da humanidade, onde impérios acabaram derrotados pelos povos invadidos), a disparidade tecnológica das armas entre nativos e invasores é tamanha que aqueles parecem fadados à morte. É nesse ponto que Jack Sully se revela uma espécie de “Messias”, o que anteriormente havia sido previsto por uma sacerdotisa Na’vi, convocando as forças da natureza, representadas por uma entidade superior, que parece estar ligada a todas as formas de vida daquele mundo. Com o auxílio de bandos de animais selvagens, e com Jack Sully cavalcando um ser alado até então indomado (fato que consolidou a liderança do humano/avatar), os Na’vi conseguem expulsar os humanos de Pandora.

No que se refere aos personagens principais, além dos já citados Jack Sully, Dra. Grace Augustine, Coronel Quaritch, Neytiri, e Eytukan, acrescente-se Mo’at (CCH Pounder), como rainha do clã Omaticaya, que demonstra grande desconforto com a visita de humanos ao seu mundo; Trudy Chacon (Michelle Rodriguez), ex-fuzileira naval, trabalhando como piloto para transportar os membros do Programa Avatar aos diversos pontos de Pandora; Tsu’tey (Laz Alonso), o melhor guerreiro do clã Omaticaya, escolhido para casar com Neytiri e tornar-se chefe quando morresse Eytukan; Norm Spellman (Joel David Moore), antropólogo recém-chegado a Pandora,



ávido para iniciar as pesquisas de campo no local; e Parker Selfridge (Giovanni Ribisi), administrador geral das atividades da Companhia RDA em Pandora.

## 2. Deslumbramento, pastiche e emoção

Do ponto de vista técnico, as opiniões foram praticamente unânimes quanto à competência dos realizadores de *Avatar*. É o que se lê, por exemplo, em Marcelo Gleiser, professor de física teórica no Dartmouth College (EUA), em artigo publicado no Caderno *Mais*, da *Folha de São Paulo*, de 10 de janeiro de 2010, página 9, cujo título é o próprio nome do filme. “(...) Sem dúvida, ação e efeitos especiais não faltaram. As técnicas de computação gráfica são revolucionárias e iniciam uma nova fase na história da cinematografia (...)”. E é o que se lê, também, em artigo de Marcelo Leite, intitulado “Gaia para presidente”, na mesma *Folha de São Paulo*, publicado em 7 de março de 2010, página 9, igualmente no Caderno *Mais*. “(...) Os olhos se enchem com as imagens possantes e o emprego virtuoso, nada exibicionista, dos recursos tridimensionais (...)”.

Já no tocante ao argumento condutor de *Avatar*, os dois articulistas divergem total e absolutamente. Marcelo Gleiser afirma no mesmo artigo que o filme é um dos mais belos que ela já teve oportunidade de ver: “(...) As árvores majestosas e seus ‘espíritos’, uma representação da hipótese Gaia – segundo a qual a Terra como um todo é um ser vivo – são pura poesia visual (...)”. E vai além, Marcelo Gleiser, comparando o cenário de *Avatar* a um paraíso tropical semelhante à Amazônia. Enquanto isso, na análise de Marcelo Leite, igualmente no mesmo artigo em que elogia a realização técnica, o filme não passa de “(...) um pastiche de todos os clichês e gêneros cinematográficos de sucesso, mas resultaria inofensivo se não fosse a xaropada ambientalista (...). O mito do bom selvagem rebrilha sobre uma pátina azul (...)”.

O que se passa em Pandora, um planeta distante (aparentemente uma lua de um planeta gasoso), segue discorrendo Marcelo Gleiser, no mesmo artigo, é uma metáfora do que acontece aqui na Terra. E explica que apesar de alguns acharem que é uma metáfora muito óbvia, quase revivendo os antigos filmes de faroeste, há uma diferença fundamental, que é a troca do lugar entre mocinhos (agora os nativos são os bonzinhos) e os vilões (agora a civilização americana é que encarna a turma do mal). Mas Marcelo Gleiser justifica a obviedade do argumento, afirmando que nem sempre uma história contada de maneira mais sofisticada e/ou cerebral traz um melhor resultado. “(...) Às



vezes é necessário simplificar a mensagem para que seu conteúdo atinja o objetivo desejado. Kevin Costner fez o mesmo em ‘Dança com Lobos’ (...)', diz o articulista.

No contraponto da opinião de Gleiser, Marcelo Leite chama o filme de uma cópia constrangedora do motivo central da franquia “Matrix”. Literalmente, nas palavras de Marcelo Leite, no mesmo artigo “Gaia para presidente” (*Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 7 de março de 2010), “(...) o *upload* da mente do herói no corpo de um avatar (virtual ou de carne e osso, tanto faz)”. E segue Marcelo Leite, listando os supostos defeitos e as supostas imitações de outros filmes perpetradas por *Avatar*: previsível final feliz de historinha de amor impossível; eterna luta do bem contra o mal; a ignomínia do capital; a irracionalidade da violência militar; as máquinas de “Guerra nas Estrelas”; os dinossauros (alados, no caso de *Avatar*) à moda de “Parque Jurássico”; caçadores que se debruçam compadecidos sobre as vítimas que acabam de imolar etc.

Para além dos artigos publicados na *Folha de São Paulo* por Marcelo Gleiser e Marcelo Leite, entretanto, e para efeito da continuação do presente texto, é preciso conhecer a opinião da senadora Marina Silva (PV-AC), publicada em 02 de março de 2010, no endereço eletrônico [www.minhamarina.org.br/blog](http://www.minhamarina.org.br/blog), sob o título “Avatar e a síndrome do invasor”, onde ela, em outras palavras, fala da sua identificação com os Na’vi, e em uma espécie de conexão entre o mundo de Pandora e a história do Acre. “A arrasadora chegada do ‘progresso’ ao Acre seguiu, de certa forma, a mesma narrativa do filme (...)”, diz Marina Silva. “Principalmente”, explica a senadora em outro ponto do mesmo texto, “quando, a partir da década de 70 do século passado, transformaram extensas áreas da Amazônia em fazendas, expulsando pessoas e queimando casas (...)”.

De acordo com a senadora acreana Marina Silva, teve um momento do filme que ela (Marina), quando Neytiri, a guerreira Na’vi bebia água numa folha, se surpreendeu levando a mão à frente do próprio corpo para tentar tocar a gota que escorria da planta, tão fortes foram naquele momento as lembranças da sua infância nos seringais acreanos.

“A guerreira na’vi bebendo água na folha como a gente bebia. No período seco, quando os igarapés quase desapareciam, o cipó de ambé nos fornecia água. Esse cipó é uma espécie de touceira que cai lá do alto das árvores, de quase 35 metros, e vai endurecendo conforme o tempo passa. Mas os talos mais novos, ainda macios, podem ser cortados com facilidade. Então, a gente botava uma lata embaixo, aparando as gotas, e quando voltava da coleta do látex, a lata estava cheia. Era uma água pura, cristalina, que meu pai chamava de água de cipó. E aprendíamos também que se nos perdêssemos na mata, era importante procurar cipó de ambé, para



garantir a sobrevivência”. (SILVA, [www.minhamarina.org.br/blog](http://www.minhamarina.org.br/blog), 02 de março de 2010).

E, em outra parte do texto postado no blog de Marina Silva, surgem mais pontos de identificação entre a prática dos Na’vi e a rotina dos seringueiros acreanos: o ensinar dos segredos da mata para os “civilizados”. É que Neytiri, na sua missão de fazer Jack Sully aprender a cultura Na’vi, baseada na comunhão de todas as coisas, tão estranha para aquele viajante do espaço, fala da conexão entre todos os seres vivos, da mesma forma que, nas memórias da senadora, o seu pai ensinava a todas as filhas os nomes das plantas. O prêmio oferecido pelo pai, nas palavras de Marina Silva, era a dispensa de algumas tarefas corriqueiras das jovens seringueiras.

“Me tocou muito ver a guerreira na’vi ensinando os segredos da mata. Veio à mente minhas andanças pela floresta com meu pai e minhas irmãs. Ele fazia um jogo pra ver quem sabia mais nomes de árvores. Quem ganhasse era dispensada, ao chegar em casa, de cortar cavaco para fazer o fogo e defumar a borracha que estávamos levando. A disputa era grande e nisso ganhávamos cada vez mais intimidade com a floresta, suas riquezas e seus riscos. A gente aprendia a reconhecer bichos, árvores, cipós, cheiros. Catávamos a flor do maracujá bravo pra beber o néctar, abrindo com cuidado o miolinho da flor”. (SILVA, [www.minhamarina.org.br/blog](http://www.minhamarina.org.br/blog), 02 de março de 2010).

Voltando a Marcelo Leite, convém ressaltar que parece ter sido todo esse fervor ambiental e identificação de Marina Silva com a história contada por James Cameron, em *Avatar*, com a sua própria história de vida, que motivou o articulista da *Folha de São Paulo* à desconstrução da mensagem do filme. “A ex-ministra do Meio Ambiente traça uma série de paralelos biográficos e amazônicos com a saga dos Na’vi. Rola até uma identificação com a figura esguia dos gigantes azuis”, diz Marcelo Leite. (*Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 07 de março de 2010). E vai além o articulista, aprofundando, num outro trecho que Marina Silva foi fisgada pela pedagogia mística de Cameron. Como toque final, Leite critica esse componente místico e enaltecido dos povos iluminados da floresta como fundamentais para adotar uma perspectiva ética nas relações entre homem e natureza. “Pode-se chegar a isso pela pura força da razão, sem a fantasia deslumbrante de eleger Gaia”. (*Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 07 de março de 2010). Uma evidente alusão negativa à candidatura de Marina Silva à Presidência da República nas eleições de 2010.



### 3. Hipóteses, lendas, ciência e ideologia fervem num mesmo caldeirão

Independentemente das opiniões favoráveis ou desfavoráveis acerca da competência técnica ou do argumento de *Avatar*, parecem evidentes quatro referências usadas para a realização deste mais recente sucesso cinematográfico de James Cameron: a Hipótese de Gaia, proposto no século XX pelo cientista James Lovelock; lendas amazônicas; questões referentes à preservação ambiental planetária; e convergências relativas à florestania, o neologismo criado pelo povo acreano para designar tanto um estado de espírito amazônica quanto um modelo de desenvolvimento sustentável.

#### 3.1 A hipótese de Gaia

Proposta pelo cientista norte-americano James Ephraim Lovelock, considerado um dos mentores do movimento ambientalista, a partir dos anos de 1970, a Hipótese (ou Teoria) de Gaia defende a idéia de que a Terra seja um corpo vivo e homogêneo. O planeta, no dizer de Lovelock, seria um superorganismo no qual todas as reações químicas, físicas e biológicas estariam interligadas e não poderiam ser analisadas isoladamente. Por essa proposta, então, no dizer do cientista, a Terra não teria sido feita como é para ser habitada. Ela teria se tornado o que é através do seu processo de habitação. Ou seja, a vida seria o meio, não a finalidade do desenvolvimento da Terra.

De acordo com James Lovelock, a Teoria de Gaia deve ser considerada como uma alternativa absolutamente plausível à sabedoria tradicional, que vê a Terra como um planeta inanimado, só por acaso habitado pela vida. “Considere-a como um verdadeiro sistema, abrangendo toda a vida e todo o seu ambiente, estritamente acoplados de modo a formar uma entidade auto-reguladora”, diz Lovelock, citado no artigo Teoria de Gaia, in [www.healing-tao.com.br/artigos/teoriadegaia.htm](http://www.healing-tao.com.br/artigos/teoriadegaia.htm). Em outras palavras, explica Lynn Margulis no mesmo artigo, “a hipótese de Gaia afirma que a superfície da Terra, que sempre temos considerado o meio ambiente da vida, é na verdade parte da vida”.

“Quando os cientistas nos dizem que a vida se adapta a um meio ambiente essencialmente passivo de química, física e rochas, eles perpetuam uma visão mecanicista seriamente distorcida, própria de uma visão de mundo falha. A vida, efetivamente, fabrica, modela e muda o meio ambiente ao qual se adapta. Em seguida este ‘meio ambiente’ realimenta a vida que está mudando e atuando e crescendo sobre ele. Há interações cíclicas, portanto, não lineares e



não estritamente deterministas”. (MARGULIS, [www.healing-tao.com.br/artigos/teoriadegaia.htm](http://www.healing-tao.com.br/artigos/teoriadegaia.htm)).

Essa idéia da interação total entre todos os seres vivos, inclusive a Terra, proposta na Hipótese de Gaia, é explorada por James Cameron em *Avatar*, quando é mostrada na tela a conexão dos Na’vi com as suas montarias, quando os Na’vi se debruçam em oração sobre o animal imolado e quando os Na’vi praticam os seus rituais religiosos defronte a árvore mãe, símbolo maior da natureza em volta, a um só tempo útero grávido, habitat esplendoroso e parte física da própria carne deles. Um só corpo.

### 3.2 Lendas amazônicas

O recurso dos mitos e da exuberância amazônicos, signos de uma fantasia sediada na natureza, intencionalmente ou não, também foi largamente explorado por James Cameron na tessitura da história de *Avatar*. Num primeiro momento, no que se refere às guerreiras Na’vi, exímias amazonas, portadoras de armas rudimentares, porém de comprovada letalidade. Num outro momento, no tocante à prodigalidade da natureza, tanto em um quanto em outro caso (a região sul-americana e o cenário cinematográfico) plena de mistérios e indicadora de uma biodiversidade inimaginável (ou imaginada a partir de conjecturas pouco verossímeis).

Até hoje, mesmo numa época de desvendamentos e de velocidade da informação, é possível que sejam encontrados relatos sobre a Amazônia que expressam a ilusão de um outro mundo, fruto de discursos forjados a partir do século XVI, quando os primeiros exploradores, dentro do seu limitado conhecimento geográfico, se quedavam perplexos ante a nova região, acreditando não ser possível que naquele local não habitassem seres a um só tempo monstruosos e maravilhosos. As adversidades faziam parte do cotidiano daqueles homens, que atravessavam o mar sob o impulso de ventos nem sempre constantes, em busca de cidades cobertas de ouro e de uma fonte da juventude eterna. Além do mais, a tradição religiosa da época afirmava que naquelas coordenadas geográficas onde se localizava o suposto Eldorado nascia um grande rio, cujas águas guardavam enormes riquezas, bem como uma fonte que tinha o poder de suprimir todos os males sociais. Às muitas perguntas surgidas na mente daqueles exploradores após desembarcarem na nova terra, na falta de respostas comprovadas, então, erigem-se fantasias que ganham ares de verdades absolutas.





No tocante às amazonas, o relato mais sensacional propagado pelo aventureiro espanhol Francisco de Orellana (1490-1550), elas eram caracterizadas como mulheres bárbaras que arrancavam um dos seios, para melhor manejar o arco, companheiro inseparável na sua faina diária. Elas habitavam uma cidade de pedra, em cujo interior existiam imensos templos dedicados ao sol, adornados por ídolos de ouro. As tais mulheres seriam muito altas, brancas, andavam nuas e possuíam longos cabelos.

James Cameron, que depois do sucesso mundial de *Avatar* esteve em Manaus (AM), participando de um “Fórum Internacional de Sustentabilidade” (última semana de março de 2010), naturalmente, não se apropriou integralmente do relato de Orellana. As guerreiras Na’vi, apesar de altas como as amazonas, cobriam sua nudez com minúsculas tangas (sob pena de, não sendo assim, o filme ser submetido a algum tipo de classificação etária) e não extirpavam os seios (provavelmente para não ferir a estética). Diferentemente, também, das amazonas originais, sua pele era azul, mas aí já entra um componente favorável a Cameron, tanto para efeito de melhor fotografia do que para se constituir numa espécie de reflexo do céu. Mas a idéia principal se estabeleceu: guerreiras ferozes, altas, arcos, flechas, cavalgando algum tipo de montaria, adoradoras de uma divindade (as amazonas, do sol; as mulheres Na’vi, da natureza). E quanto aos relatos míticos, boa parte deles também se repete na tela de alguma maneira: “unobtanium” (ao invés de ouro); fauna e flora exuberante; a eterna juventude (não relacionada com uma fonte de água, mas a uma transferência de consciência); inexistência de estratificação social etc.

### 3.3. Ecologia – Desenvolvimento Sustentável

O comportamento nos Na’vi em *Avatar* espelha exatamente os conceitos da ciência ecológica, quando esta se propõe a estudar todas as interações entre os seres vivos (visceralmente interligados e, por conseguinte, interdependentes, como na proposição da Hipótese de Gaia). Para a ecologia, é preciso compreender como os sistemas vivos funcionam em sua totalidade, como se dá o equilíbrio que permite a vida em todas as suas dimensões, ao contrário do que propõem outros ramos da ciência, que direcionam os seus esforços na análise desses sistemas, através da sua decomposição.

A partir, então, da noção ecologia, é que se chega aos conceitos de desenvolvimento sustentável, mediante a compreensão de que é preciso existir equilíbrio entre todos os seres vivos, principalmente no que diz respeito à ação antrópica, sob pena de sobrevir um esgotamento futuro dos recursos naturais, com



consequências inimagináveis para a espécie humana. E nem se pode dizer que esse é um raciocínio recente. Embora somente a partir da segunda metade do século XX a idéia de desenvolvimento sustentável tenha encontrado maior repercussão, é certo que já no século XVIII o economista inglês Thomas Malthus alertava para o descompasso do rápido crescimento demográfico, em relação ao crescimento lento dos meios de subsistência.

Mas foi, de fato, nos início dos anos de 1970 que o planeta parece ter despertado para as questões do desenvolvimento sustentável, a partir de uma reunião do chamado Clube de Roma (Organização Não Governamental que reúne cientistas, empresários, economistas, funcionários de organismos internacionais e de governos, dirigentes e ex-dirigentes de todos os continentes etc.). Na sequência, as preocupações com a questão do meio ambiente foram crescendo e inúmeras reuniões, seminários e fóruns se sucederam desde então. Entre os mais emblemáticos, pode-se citar: a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, no ano de 1972, em Estocolmo; a Conferência Rio 1992, que reuniu o maior número de dirigentes políticos da história, oportunidade em que foi lançado um documento intitulado *Agenda 21* (o primeiro compromisso internacional voltado a metas de longo prazo, de acordo com princípios de sustentabilidade ambiental); o Protocolo de Kyoto, em 1997, documento contendo normas comportamentais as quais os Estados Unidos não quiseram aderir; a Conferência de Johannesburgo, em 2002; e a Conferência de Copenhague, em 2009.

No momento, quarenta anos depois dos primeiros movimentos e discussões em torno da questão do desenvolvimento sustentável, a partir da noção de ecologia e da interligação planetária visceral de todos os seres vivos (inclusive, ou principalmente, a própria Terra), parece ser consenso que, na prática, este é um tema que ainda tem um longo percurso pela frente. É verdade que existe a certeza de que o direito ao desenvolvimento deve ser igualmente o compromisso de que ele seja sustentável, mas, daí até as práticas corretas para tal fim, parece ainda haver uma distância considerável. Além das certezas evidenciadas nas diversas reuniões, congressos e conferências, é preciso que tudo isso se transforme numa prática corrente, mais ou menos como fazem os “índios heróis” de James Cameron, em *Avatar*.

### 3.4 – Florestania

A florestania é um conceito criado e desenvolvido pelo Partido dos Trabalhadores, no final dos anos de 1980, quando em campanha pelo Governo do



Estado do Acre, a partir da mobilização em torno da questão do desenvolvimento sustentável. Trata-se de um neologismo que junta em um mesmo vocábulo as palavras “floresta” e “cidadania”. Uma forma inteligente de massificar a idéia de um Governo voltado para a exploração sustentável dos recursos florestais, bem como de prometer bem-estar às pessoas que nasceram, cresceram e vivem até hoje no meio da floresta, usando os benefícios desta para sobreviver, num pacto mútuo de não agressão.

Sobre os principais elementos do projeto florestania, ninguém melhor para explicá-los do que o jornalista Antônio Alves Leitão Neto, um dos principais artífices da campanha vitoriosa do PT ao poder no Acre, que exerceu o cargo de Secretário de Cultura no primeiro mandato do governador Jorge Viana (1999 – 2002). “Em primeiro lugar”, diz Alves, “o reconhecimento da primazia indígena. Existem povos que estão e que conhecem a nossa região e cuja ciência deve ser respeitada. Este é o ponto um”. (SAN’TANA JÚNIOR, 2004, p. 287). Antes, porém, desse ponto um, Alves afiança que existiria um “ponto zero”, cuja superação se fazia necessária. É o de que o antropocentrismo deveria ser superado. “O homem é parte da natureza, ele não é dono da natureza, ela não é toda a natureza, ele é uma parte dela. Ele tem direito, assim como o rio, o sol, a lua, a estrela, a paca, o tatu, a cotia, o mogno, a cerejeira (...)”, diz Alves. (SANT’ANA JÚNIOR, p. 287). E existiria, ainda, um “ponto dois” no projeto, que seria o reconhecimento dos direitos das populações que desde sempre habitaram e os que passaram a habitar a região. No caso, índios e seringueiros, respectivamente.

No tocante às diferenças entre “cidadania” e “florestania”, ao contrário do que o senso comum aponta quando se refere ao conceito como uma transposição de um conjunto de valores citadinos para a floresta, Antônio Alves explica que a primeira diz respeito a uma idéia de direitos e deveres, de conquista da civilização humana, de uma fase de desenvolvimento da individualidade do ocidente. “É semelhante à Declaração dos Direitos Humanos”, diz. (PINHEIRO, 2009). Já a idéia de florestania, de acordo com a explanação de Alves, diz respeito a um conjunto de relações estabelecido dentro da floresta, que gera valores, hábitos, estéticas, éticas, mas, principalmente, um conjunto de relações que incluem animais, plantas, água, sol, chuva e a maneira como essas relações se estabelecem, numa tentativa de captar uma disfunção do antropocentrismo, ou até determinadas relações que se estabelecem antes mesmo de se constituir um antropocentrismo centralizado. “Então, a idéia de florestania é exatamente essa dissolução desse mal estar da civilização que se esconde na palavra cidadania”, diz Antônio Alves. (PINHEIRO, 2009).



Em muitos aspectos o argumento de *Avatar* coincide com as idéias expressas na florestania, conforme se pode depreender dos conceitos explicitados por Antônio Alves. No filme, por exemplo, uma cena que se repete, como uma espécie de mensagem subliminar, é o de um dos personagens abrindo os olhos. Mais ou menos como no discurso político acreano, em cuja essência está o despertar do elemento humano para a necessidade de preservar o meio ambiente, a partir da incorporação da sabedoria popular e dos preceitos existentes na natureza. Num e noutro caso (filme e discurso político), o reforço da necessidade da interação/comunhão entre as partes (homem/natureza), sem sobreposições de nenhum sobre o outro, sem traços de verticalidade ou de algum tipo de fluir de valores entre maior ou menor, mas, isso sim, numa espécie de eixo horizontal, onde se ressalta a interdependência entre os atores.

#### 4. Considerações finais

*Avatar*, como se pode ver ao longo deste artigo, é um filme plural, em torno do qual ainda acontecerão inúmeras discussões (inclusive porque o diretor James Cameron promete duas continuações). Às opiniões divergentes de Marcelo Gleiser e Marcelo Leite (colunistas da *Folha de São Paulo*) sobre o argumento, e da senadora Marina Silva, que afirma identificar personagens da ficção com figuras da vida real, saídas da sua própria biografia, deve-se acrescentar as inequívocas convergências entre o referido filme e a Hipótese de Gaia, proposta por James Lovelock (a Terra como um ser vivo e uno em suas múltiplas partes); as lendas amazônicas (as ferozes e gigantes guerreiras mutiladas descritas pelo explorador Francisco de Orellana, quando da sua busca pelo Eldorado); as questões referentes à ecologia e ao desenvolvimento sustentável (o equilíbrio entre os seres vivos); e os conceitos fundadores da florestania (o homem como parte integrante da natureza e não como senhor absoluto dela).

Mas, para além dessas divergências e convergências citadas, ainda são múltiplas as possibilidades de reflexão que podem ser levadas a efeito a partir desse mais recente sucesso de James Cameron. Três delas se configuram mais fortes no momento em que este artigo se encaminha para o seu desfecho: a comparação entre os conflitos de terra, nas décadas de 1970 e 1980, entre fazendeiros e seringueiros, no Acre (lembrados pela senadora Marina Silva, no texto “Avatar e a síndrome do invasor”, citado no item 2



deste artigo); a questão do conceito religioso de “avatar”; e o tema da transferência de consciência.

Assim como os executivos americanos da companhia RDA invadiram Pandora, o habitat dos Na’vi, apoiados por um exército de mercenários, unicamente interessados na exploração econômica do mineral “unobtainium”, sem absolutamente se importar com os danos que causariam ao meio ambiente, processo semelhante aconteceu entre os anos de 1970 e 1980 na região acreana, com a chegada de fazendeiros do centro-sul do país, apoiados pelas armas de capangas e jagunços, cuja finalidade era a criação extensiva de gado bovino, sem nenhuma preocupação com os danos que causariam à terra. Assim, tanto na ficção cinematográfica quanto na vida real, se estabeleceram os conflitos sangrentos entre “invasores” e “invadidos”, prevalecendo, em um e outro caso (ficção e realidade), os interesses nativos, em nome da vida e da preservação do planeta. Com uma diferença: na tela, pelo menos até antes de serem produzidas as sequências prometidas por Cameron, com a radical vitória dos locais, sem nenhuma concessão aos invasores; na vida real, entretanto, com alguma conciliação dos interesses, mediante a adoção de práticas de desenvolvimento sustentável, que possibilitam uma exploração racional, sem a nociva e devastadora prática anterior.

Quanto à noção de “avatar” mostrada no filme, de se criar um corpo em laboratório para abrigar uma consciência “externa”, nada tem a ver com a noção estabelecida pela religião hindu, para a qual palavra designa uma manifestação corporal de um ser imortal, por vezes até do Ser Supremo. O vocábulo, religiosamente falando, deriva do sânscrito *Avatāra*, que significa “descida”, normalmente denotando encarnações de entidades divinas.

A transferência de consciências, porém, não seria, exatamente, algo estranho nem para a ficção, nem para os anseios científicos. Vários filmes tratam dessa questão (*Matrix*, citado por Marcelo Leite como “inspirador” de *Avatar*, talvez seja o mais emblemático dos últimos tempos). E no tocante à relação com a ciência, “avatar” é uma palavra que se tornou recorrente, tanto nos meios de comunicação de massa quanto no linguajar da informática, dadas as figuras que são criadas a partir do usuário, processo que permite a “personalização” desse usuário no interior das máquinas e das telas de computador. Diz-se “avatar”, porque tal criação emerge como uma espécie de transcendência da imagem da pessoa, que ganha um “corpo virtual”.

Nesse sentido de “avatares” e de “consciências transferidas”, ressalte-se que também não é necessariamente nova a idéia, no campo da inteligência e da vida



artificiais, de uma civilização pós-natural, pós-biológica e pós-humana. Esse é um pensamento que surgiu em meados do século XX, com a invenção de máquinas capazes de “imitar o cérebro humano”, e continuou com o mapeamento da estrutura do DNA. É dessa época a convicção de que o homem biológico, como nós o conhecemos e nos reconhecemos nele, é um impasse do ponto de vista da evolução. “O homem mecânico, que na aparência está em ruptura com a revolução orgânica, na realidade se situa melhor na verdadeira tradição de uma sequência da evolução”, no dizer do biólogo britânico J. D. Bernal. (GORZ, 2003, p. 89). E complementando o raciocínio, as palavras de Hans Moravec, para quem, ao final, “a consciência em si mesma poderá se estender numa humanidade completamente eterizada, perdendo seu organismo consistente, tornando-se massas de átomos que se comunicam no espaço por irradiação, e finalmente se resolvendo em luz”. (GORZ, 2003, p. 89).

Feixes coloridos na tela do cinema, ondas eletromagnéticas dançando sob o som das estrelas... No futuro, num átimo de segundo, a vida poderá fluir por entre pontos de luz... Além, muito além de um simples “avatar” e, naturalmente, totalmente distanciado no tempo do medo das ameaças industriais, tecnológicas, sanitárias, naturais e ecológicas expresas na obra de James Cameron.

## 5. Referências bibliográficas

- CALLENBACH, Ernest. *Ecologia – Um guia de bolso*. São Paulo : Peirópolis, 2001.
- GLEISER, Marcelo. *Avatar*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 10 de janeiro de 2010.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo : Marco Zero, 1994.
- GORZ, André. *O imaterial – Conhecimento, valor e capital*. São Paulo : Annablume, 2005.
- IWERSEN, Rui. *A teoria de Gaia de James Lovelock*. <http://gaianet.wordpress.com/2009/07/14/gaia-hipótese-teoria-ou-evidência>. Consultado em 31 de março de 2010.
- LANGER, Johnni. *As indestrutíveis amazonas*. Artigo. Revista de História da Biblioteca Nacional, julho de 2008. [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br). Consultada em 31 de março de 2010.
- LEITE, Marcelo. *Gaia para presidente*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 7 de março de 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *La pantalla global – Cultura mediática e cine en la era hipermoderna*. Barcelona : Anagrama, 2009.



MARGULIS, Lynn. *A teoria de Gaia*. [www.healing-tao.com.br/artigos.htm](http://www.healing-tao.com.br/artigos.htm). Consultado em 31 de março de 2010.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do e VIANNA, João Nildo de Souza (Orgs.). *Economia, meio ambiente e comunicação*. Rio de Janeiro : Garamond, 2006.

NOGUEIRA, Salvador. *Uma saga de 15 anos*. Super Interessante, Edição Extra, 274-A - Janeiro. São Paulo : Abril, 2010.

PINHEIRO, Francisco de Moura. Entrevista gravada com Antônio Alves Leitão Neto, Secretário de Cultura do Estado do Acre na primeira gestão do governador Jorge Viana (1999 – 2002). Rio Branco, 2009.

SANT'ANA JÚNIOR. Horácio Antunes. *Florestania: a saga acreana e os povos da floresta*. Rio Branco : Edufac, 2004.

SCHELP, Diogo. *O visionário de Avatar*. Entrevista com James Cameron. Revista Veja, edição 2160, 14 de abril de 2010.

SILVA, Marina. *Avatar e a síndrome do invasor*. [www.minhamarina.org.br/blog](http://www.minhamarina.org.br/blog), 2 de março de 2010.